

O AMOR EM CHAMAS:

Uma apreciação dos cantares 8,6-7

Descobri e contei a Pedro: o corpo é humilde, o corpo é muito humilde. Ainda escrevo uma tese que parecerá marota: de como são bons e agradáveis os gazes e odores do corpo e de como todos nós deleitamos com eles sem ousar confessá-lo. Ora, o que é o corpo? Necessitarei ainda de quantas paixões para amansar meu orgulho e me deixar ver de frente, de costas, de quatro, comendo, descomendo, sem turvar meus olhos? Para isso caminho. Alguém me ensinará.¹

1. Adélia PRADO, *Os componentes da banda*, p. 35.

1. CONTEXTO DOS CANTARES

Antes de adentrarmos no assunto propriamente dito, gostaríamos de tecer algumas breves considerações sobre o período da história de Israel denominado de pós-exílio, período este de retorno e reorganização social, política, econômica e religiosa da cidade e do templo de Jerusalém e o Cantares.

a) *Nível político* — livres da opressão dos babilônios, os judeus estão, agora, sob o jugo dos persas. Com a promulgação do edito de Ciro (538 a.C.), puderam voltar para sua pátria, porém politicamente ainda dependem dos reis persas. Jerusalém pertence a província da Samaria e a liderança nacional está nas mãos dos sacerdotes que reestruturaram a vida social-religiosa a partir da lei e do templo. A classe dirigente de Jerusalém são: os sacerdotes, os nobres-notáveis e os magistrados-funcionários (Ne. 5,6).

b) *Nível econômico* — o modo de produção dos persas é o tributário, onde predomina a forma quase contractual entre o grupo no poder e os grupos dominados. Em outros termos, neste modelo de produção o estado é que exerce a atividade econômica principal controlando o uso dos recursos econômicos e se apropriando de uma parte do trabalho e da produção (Ne 5,1-4).

c) *Nível social* — a ordem social era marcadamente hierarquizada. Ao lado do governador persa estava uma comunidade sacerdotal e uma aristocracia, cada uma com seu chefe. Israel estava dividido em duas classes: a sacerdotal, que tinha a primazia, e a dos judeus chamados de benjaminitas. Era conflitiva a relação entre os moradores da zona rural e urbana (Ne 5,5).

d) *Nível religioso* — os persas apoiavam os cultos regionais e locais de suas colônias; permitiram o uso de vários idiomas e animaram os representantes religiosos a codificar leis e costumes existentes para fazer delas o fundamento da lei colonial. Daí porque Ciro apresentando-se para os judeus como o executor das ordens de Iahweh, promulgou um edito devolvendo os utensílios do templo de Jerusalém. Sendo a maioria dos repatriados sacerdotes e levitas (Esd. 2, 36; Ne, 7, 39), logo desencadeou a tensão com os samaritanos e os outros habitantes da Palestina que eram considerados impuros; a questão da idolatria que era inaceitável; e a problemática do matrimônio com mulheres estrangeiras (Es. 8-10; Ne 13,28).²

Enfim, diante da total reorganização social, política, econômica e religiosa de Israel, várias alternativas de reforma e de reconstrução foram propostas:

1) a política-administrativa de Neemias — este descreve a crise interna da comunidade judia: a opressão entre irmãos; o estado de pobreza e endividamento das famílias. E aponta os nobres-notáveis (horim) e os funcionários (seganim), próximos do governador e dos sacerdotes, como os responsáveis pelo desequilíbrio social (Ne. 5);

2) a proposta moralizante e de volta à Lei de Esdras. Esta alternativa teve grandes limitações: preocupou-se demais com a fidelidade à Lei e excluiu as mulheres estrangeiras de seu projeto e considerou a pureza racial como mais importante (Esd. 2,3-6; Ne 7,39).³

2. APRESENTAÇÃO DO LIVRO DOS CANTARES

Dando prosseguimento, faremos alguns comentários sobre o livro dos Cantares. E para efeito de viabilização dividimos este item em 4 pontos:

2.1. A estruturação

O livro dos Cantares é o livro do AT que mais chaves de leitura tem, o que revela sua complexidade.⁴ Em outras palavras, é de praxe encontrarmos muitas propostas de plano de divisão e de estudo. Esquematizamos o livro a partir da dinâmi-

2. Recomendamos as seguintes leituras que ajudam a entender mais e melhor o contexto pós-exílico: a) François HOUTART, *Religião e modos de produção pré-capitalista*. São Paulo, Paulinas, 1982, p. 54ss; b) Hans G. KIPPENBERG, *Religião e formação de classes na Antiga Judéia*. São Paulo, Paulinas, 1988, p. 51-72; c) Jorge PIXLEY, *A história de Israel a partir do pobre*. Petrópolis, Vozes, 1991, p. 91-101.

3. Cf. a) J. Severino CROATTO, *A dívida na reforma social de Neemias: um estudo de Neemias 5, 1-19*. In: *RIBLA*, no 5/6, p. 25-34; e b) Neftali Vélez CHAVERRA, *Reconstrução e identidade: a alternativa de Esdras*. In: *RIBLA*, no 9, p. 26-38.

4. Carlos Mesters apresenta-nos sete chaves de leitura para os Cantares. Cf. *ESTUDOS BÍBLICOS*, no 40, p. 9-13.

ca (dialética) do encontro e do desencontro dos corpos que se buscam e se amam mutuamente:

- a) 1-2 – os dois amantes estão unidos
- b) 3 – são separados, embora seja apenas um sonho doloroso
- c) 4,1-5,1 – são a seguir reunidos
- d) 5,2-6,3 – separados de novo
- e) 6,4-8,14 – finalmente são reunidos outra vez.⁵

5. Cf. Alice L. LAFFEY, *Introdução ao Antigo Testamento perspectiva feminista*, p. 267.

Portanto, o que dá movimento às cenas, no livro dos Cantares é a presença e ausência dos amantes, a alegria do encontro e a dor da separação. A perícopes que pretendemos estudar está inserida no auge do 5º encontro amoroso.

2.2. Os autores

No capítulo 1,1 Salomão é apontado como autor. A exegese bíblica atual nega completamente esta hipótese. O fato de Salomão ser considerado sábio, poeta e ter composto vários cânticos, impulsionou a atribuir o livro a este numa tentativa para dar autoridade e autenticidade ao texto bíblico.

Cantares é uma coletânea de cânticos de amor, resultado de vivência, convivência, experiências e descobertas amorosas de jovens enamorados que resistem aos que almejam controlar o corpo e o concebem como algo impuro. É uma reflexão coletiva. Dos 117 versículos dos Cantares, 60 falam do corpo da mulher e 36 do corpo do homem. Os movimentos dos corpos e o desenrolar das cenas dependem muito da iniciativa da mulher.

Pelas referências e pelo linguajar do campo, podemos afirmar que a mulher dos Cantares é campesina, ou seja, da roça. Tal mulher entra em conflito com a economia e com o sistema vigente da cidade. Para ela a cidade é sinônimo de desencontros, de perda da autonomia, de exploração econômica, de repressão. Sendo assim, sua trajetória é sempre fugir da cidade em direção ao campo, sinônimo de bem-estar, de liberdade, de espontaneidade, de encontros.

Levando em consideração estas observações preliminares, podemos inferir que Cantares é memória coletiva e subversiva das mulheres⁶ que lutam pelo fim do controle do corpo e da sexualidade pelos homens e a favor do direito ao prazer. Para elas o importante é que o corpo se sinta livre e bonito.

6. Cf. Genilda HOEHLER, *Cântico dos Cânticos: memória coletiva e subversiva das mulheres*, p. 5.

2.3. O gênero literário

A Bíblia Hebraica está dividida em três partes: a Lei (Torá), os Profetas (Neviim) e os Escritos (Ketuvim). A terceira parte também é chamada de escritos poéticos. Cantares faz parte da terceira, sendo assim é do gênero literário poético.

Porém, Cantares é gênero literário *poético de resistência cultural*. Tal gênero quer demonstrar a prática social dominante de uma cultura, em outros termos, *uma das ferramentas empregadas pela poética cultural é a descrição de práticas literárias e culturais como forma de resistência ou conciliação (ou então de resistência conciliatória e conciliação resistente) diante de práticas dominantes de uma cultura colonizadora.*⁷

7. Daniel BOYARIN, *Israel Carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica*, p. 29.

Em suma, Cantares é literatura de resistência quando recusa aceitar o corpo como instrumento submisso da produção e reprodução; quando tenta reconquistar a dimensão erótica do corpo; e quando grita dizendo que nosso corpo nos pertence.

2.4. A datação

Esses cânticos cantam e contam as lutas, as resistências, as paixões, os abraços dos amantes, gestados em situações e épocas diferentes. Provavelmente gerados em tempo de intenso desejo e intimidade entre os corpos sedentos de amor.

Porém, como produto final é obra pós-exílica, século IV (450-350). Então, é num clima de reestruturação política, social, econômica e religiosa, ou seja, de moralização e de retorno à lei que o mencionado livro é compilado.

3. APRESENTAÇÃO DA PERÍCOPE EM ESTUDO

O que dá unidade e coesão interna a perícopes que vamos apresentar é a palavra amor que aparece 3 vezes nos dois versículos que formam a respectiva perícopes. Ela tem uma cláusula introdutória e conclusiva; desenvolvimento e um eixo. Sendo assim, nossa perícopes apresenta o seguinte corpo:

Cláusula Introdutória

Coloca-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teu braço (Ct 8,6a);

Desenvolvimento

Porque é violento como a morte o amor, cruel como o sheol é a paixão (Ct 8,6b);

Eixo

Suas brasas, são brasas de fogo, chamas divinas (Ct 8,6c);

Desenvolvimento

*Águas torrenciais não podem apagar o amor.
E os rios não o arrastarão (Ct 8, 7a);*

Cláusula Conclusiva

Se oferecesse o homem toda riqueza de sua casa pelo amor, receberia apenas desprezo (Ct 8,7b).

a) Cláusula introdutória: Coloca-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teu braço: Ct 8,6a.

Na concepção semítica o corpo da mulher estava em constante estado de impureza. E como dependia dos serviços ritualísticos do templo para se purificar, estava sempre atrelada aos sacerdotes que a exploravam economicamente. Do ponto de vista sócio-jurídico, a mulher não tinha autonomia e nem tão pouco autoridade. Seus direitos dependiam do pai, do marido, do filho e do cunhado. Era considerada inferior e não tinha nenhum valor como pessoa.

O selo era carregado pelo proprietário no dedo, no braço ou no pescoço. Aonde este colocava o seu selo atestava que um objeto lhe pertencia ou que aquele ato emanava dele. Mais uma vez a mulher insurge-se contra a ordem estabelecida. Ou seja, é dela que parte a iniciativa e o impetuoso desejo de proximidade e de unidade corporal (selar a união dos corpos amantes para sempre).⁸ Ela deseja estar a vida inteira com seu amado. Presente nas suas decisões, nos seus desejos, nas suas aspirações (selo/coração) e da mesma forma, nas suas ações, atividades dando-lhe força, coragem e poder para se insurgir diante dos mecanismos que oprimem e manipulam o corpo (selo/braço).⁹

b) Cláusula conclusiva: Se oferecesse o homem toda riqueza de sua casa pelo amor, receberia apenas desprezo: Ct 8,7b.

O contrato matrimonial era comum na sociedade israelita. O corpo da mulher era uma mercadoria, um objeto que se podia cobiçar, trocar, vender e comprar. As filhas eram consideradas parte das propriedades do pai e este era quem escolhia o futuro marido para suas filhas, na falta deste, os irmãos. O noivo era obrigado a entregar ao pai da noiva uma quantidade de dinheiro (**mohar**) ou oferecer-lhe algum tipo de serviço. Na consumação do casamento a mulher passa a ser posse do marido, e ela passa a tratá-lo de meu senhor (**ba'al**).

A mulher dos Cantares, neste versículo, contesta o poder econômico que transforma o amor em mera mercadoria e faz do corpo produto de consumo. Ela denuncia a prática da negociação do amor, do corpo e a relação instrumental sujeito-objeto. O homem não é seu proprietário. Ela é dona e senhora do seu corpo. O amor não tem preço, não é para ser comprado, mas para ser desfrutado. Pagar pelo amor significa perda da autonomia; romper com a relação sexual baseada na intimidade, nos desejos e estímulos harmoniosos e nos prazeres mútuos.

8. O selo (**hōtham**) no AT era usado como sinal de autenticidade e autoridade e para testemunhar um documento. Era também um símbolo da própria pessoa.

9. A palavra coração (**leb**) aparece 858 vezes no AT expressando vários sentidos, eis alguns: é nele que se dão as decisões vitais; sede dos desejos e aspirações; lugar das funções intelectuais e racionais; dos planejamentos, das resoluções e outros. O braço (**zerôa**) simboliza a atividade, a força; o poder; a revolta; com o braço se maneja a espada.

c) *Desenvolvimento: a) Porque é violento como a morte o amor, cruel como o sheol é a paixão: Ct 8,6b ; b) águas torrenciais não podem apagar o amor. E os rios não o arrastarão: Ct 8, 7a.*

Biblicamente a morte é o não-relacionamento; é o fim da experiência histórica do corpo. Mortal é toda tendência para o não-relacionamento tanto no reino da natureza como também no campo sócio-histórico. Israel imagina a sobrevivência dos mortos, o sheôl (**os infernos**), com uma sombra de existência sem valor e sem alegria. Estar no sheôl significa não poder mais louvar Iahweh, nem esperar em sua justiça ou em sua fidelidade; é o abandono total. A água, elemento oposto ao fogo, simboliza a imagem do abismo e do caos primordial.¹⁰

A morte, o sheôl, as águas são elementos que estão sempre ameaçando a vida humana e representam os deuses da morte, da destruição e do caos. Tais elementos ameaçam o relacionamento dos corpos embebecidos de amor, que desejam se tocar, roçar, lambar, sentir o calor e o odor que emanam dos corpos que se amam. Estar morto é não poder amar intensamente; é estar privado do amor; é não sentir o desejo correndo pelo corpo; ir para o sheôl é não poder contemplar a beleza dos corpos; é não poder cantar, louvar a paixão; é não poder mais fazer amor.

O livro dos Cantares “*nos demonstra a força do amor, com sua chama de fogo, inextinguível, resistente às águas da torrente, inapagável. Os elementos mais fortes da natureza são evocados para falar do amor, para cantar a paixão, o afeto, a sexualidade.*”¹¹ Só o amor transforma o caos em ordem e vence as forças da morte que ameaçam o corpo. Enfim, nada pode separar os corpos que se amam: nem a morte, nem o sheôl, nem as águas (as forças e os deuses da morte).

d) *Eixo: Suas brasas, são brasas de fogo, chamas divinas: Ct 8,6c.*

Explicitamente Cantares não faz nenhuma referência a Deus. Porém, ele fala da vida, da corporeidade, da alegria de amar e de sentir prazer. Em Cantares o amor humano não está em oposição a Deus e o corpo não é visto como impuro. A imagem do fogo, costuma ser associada ao erotismo; e ainda mais, uma coluna de fogo possui a forma de um falo. Podemos dizer, então, que *o sexo pode ser uma porta de entrada importante para sensações místicas ou encontros com o sagrado.*¹²

A revolucionária mulher dos Cantares, inspirada, proclama e exalta o aspecto divino do amor. Todo o livro nos revela ser portador de sensações, gozos, alegrias, efusão de consciência de si e de auto estima, realmente chamas divinas.¹³ Os corpos que amam

10. A água também é símbolo da bênção e maldição; da purificação; dilúvio; poder da vida e da morte; as águas do mar evocam a agitação demoníaca por sua inquietude e simboliza a desgraça que de improviso ameaça abater-se sobre o homem. As imagens das águas e dos rios designam as forças inimigas de Deus e de seu povo.

11. Valmor SILVA, *Amor e natureza no Cântico dos Cânticos*, p. 37.

12. Georg FEUERSTEIN, *A sexualidade sagrada*, p. 42.

13. Cf. Pedro Lima VASCONCELOS, *Beleza e prazeres messiânicos*, p. 38.

14. Paulo César Loureiro BOTAS, *A erótica do arrebatamento*, p. 28.

15. Rolando MURPHY, *Um modelo bíblico de intimidade humana: o Cântico dos Cânticos*, p.83.

contemplam a Deus não através do corpo prostrado no chão mas através do corpo em festa, sedentos de amor, de desejos, de prazeres. O abraço sexual vai se tornando prece sem sacrifício, ou seja, *a beleza da corporeidade vivida em sua plenitude erótica é o que conduz à contemplação divina do amor*.¹⁴

O amor é a celebração do que há de mais sagrado. O corpo é o templo do sagrado. À guisa de conclusão, Cantares *insinua que o amor humano é participação no amor divino. A intimidade humana deriva sua realidade e validade de Deus, de seu amor. O amor que os seres humanos partilham é participação em algo divino*.¹⁵ Cantares anuncia que devemos honrar a Deus no fogo dos nossos desejos, dos nossos prazeres e dos nossos corpos abarrotados da divindade.

4. TEOLOGIA

A teologia dos Cantares é a defesa e a promoção da dignidade humana, da vida em plenitude, ou seja, da dignidade e promoção dos corpos. A teologia do Cantares luta pela comida, pela bebida, pela beleza dos corpos. Em outros termos, é a teologia que gosta de contemplar os corpos nutridos e reluzentes e bem adornados.

A teologia dos Cantares fala do corpo, da corporeidade, da resistência e subversão da lei, ou seja, do código de pureza. A mulher, é a grande protagonista desta teologia. É ela que revela, desnuda o corpo. A teologia dos Cantares exala amor, paixão, encontro, desejo, gozo.

A teologia dos Cantares é a teologia da comunhão profunda e total dos corpos que se amam e que se entregam. É a teologia da atração dos corpos que se aproximam, sem dominação, sem supremacia, mas no respeito e no gozo mútuos e que se enchem de graça do outro.

A teologia dos Cantares faz homem e mulher recriarem, conviverem, contemplarem os corpos, a vencerem todo e qualquer obstáculo que impede o encontro amoroso. É a teologia que luta pela vida, pela libertação do corpo. Na teologia do corpo os corpos enamorados são vivificados e estão abertos para a experiência de Deus, do mundo e do outro.

Fazer teologia do corpo é falar da beleza e do encanto dos corpos. É amar, admirar e cuidar do próprio corpo. É descobrir o prazer de conhecer, fascinar, cativar o outro. É não reprimir e nem negar o corpo, mas deixá-lo ser o que ele é. Os Cantares são *a exaltação da paixão, da mesma palpitação sexual, do desejo porque este é alimentado e transformado pelo fermento do amor. A paixão, então, perde todo resquício de egoísmo e*

14. Paulo César Loureiro BOTAS, *A erótica do arrebatamento*, p. 28.

15. Rolando MURPHY, *Um modelo bíblico de intimidade humana: o Cântico dos Cânticos*, p.83.

contemplam a Deus não através do corpo prostrado no chão mas através do corpo em festa, sedentos de amor, de desejos, de prazeres. O abraço sexual vai se tornando prece sem sacrifício, ou seja, *a beleza da corporeidade vivida em sua plenitude erótica é o que conduz à contemplação divina do amor*.¹⁴

O amor é a celebração do que há de mais sagrado. O corpo é o templo do sagrado. À guisa de conclusão, Cantares *insinua que o amor humano é participação no amor divino. A intimidade humana deriva sua realidade e validade de Deus, de seu amor. O amor que os seres humanos partilham é participação em algo divino*.¹⁵ Cantares anuncia que devemos honrar a Deus no fogo dos nossos desejos, dos nossos prazeres e dos nossos corpos abarrotados da divindade.

4. TEOLOGIA

A teologia dos Cantares é a defesa e a promoção da dignidade humana, da vida em plenitude, ou seja, da dignidade e promoção dos corpos. A teologia do Cantares luta pela comida, pela bebida, pela beleza dos corpos. Em outros termos, é a teologia que gosta de contemplar os corpos nutridos e reluzentes e bem adornados.

A teologia dos Cantares fala do corpo, da corporeidade, da resistência e subversão da lei, ou seja, do código de pureza. A mulher, é a grande protagonista desta teologia. É ela que revela, desnuda o corpo. A teologia dos Cantares exala amor, paixão, encontro, desejo, gozo.

A teologia dos Cantares é a teologia da comunhão profunda e total dos corpos que se amam e que se entregam. É a teologia da atração dos corpos que se aproximam, sem dominação, sem supremacia, mas no respeito e no gozo mútuos e que se enchem de graça do outro.

A teologia dos Cantares faz homem e mulher recriarem, conviverem, contemplarem os corpos, a vencerem todo e qualquer obstáculo que impede o encontro amoroso. É a teologia que luta pela vida, pela libertação do corpo. Na teologia do corpo os corpos enamorados são vivificados e estão abertos para a experiência de Deus, do mundo e do outro.

Fazer teologia do corpo é falar da beleza e do encanto dos corpos. É amar, admirar e cuidar do próprio corpo. É descobrir o prazer de conhecer, fascinar, cativar o outro. É não reprimir e nem negar o corpo, mas deixá-lo ser o que ele é. Os Cantares são *a exaltação da paixão, da mesma palpitação sexual, do desejo porque este é alimentado e transformado pelo fermento do amor. A paixão, então, perde todo resquício de egoísmo e*